

Wilson Garcia - Chico, você é Kardec?



No ***Blog do Ismael***, na data de 06 de junho de 2010 foi publicada a entrevista intitulada “Focalizando o trabalhador espírita Wilson Garcia” (1).

Sobre o personagem informa-nos Ismael Gobbo:

“O entrevistado Wilson Garcia é jornalista, escritor e orador espírita de muito prestígio junto ao movimento espírita brasileiro e de outros países. Mineiro de São João Nepomuceno, residiu em São Paulo e hoje mora em Recife, Pernambuco. Quando em São Paulo prestou relevantes serviços à USE – União das Sociedades Espírita do Estado de São Paulo em diversos momentos e foi um dos fundadores da ADE/SP – Associação de Divulgadores do Espiritismo do Estado de São Paulo. Hoje prossegue como divulgador de primeira linha em terras pernambucanas.”



Entre as diversas perguntas que lhe foram feitas, destacamos a seguinte e, obviamente, a respectiva resposta:

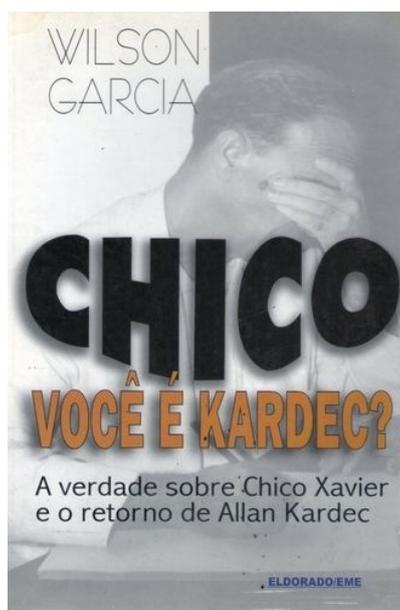
Seu livro “Chico, você é Kardec?”, lançado em 1999, contraria a tese da reencarnação de Kardec como Chico Xavier, tese esta defendida por nomes conhecidos do público. O que você tem a dizer sobre isso?

A tese de que Chico Xavier seria Allan Kardec reencarnado foi colocada de forma irresponsável por algumas pessoas de reconhecida

1 <http://ismaelgobbo.blogspot.com/2010/06/focalizando-o-trabalhador-espirita.html?m=1>

competência doutrinária. Quando digo irresponsável estou me referindo à forma e aos argumentos apresentados por estas pessoas.

É preciso esclarecer que o debate em torno da reencarnação como princípio doutrinário é sempre oportuno, postule-se ou não que este ou aquele indivíduo tenha sido determinada personalidade no passado. A literatura espírita está repleta dessas postulações e isso jamais foi considerado comprometedor para a credibilidade do espiritismo.



O que ocorreu no caso de Chico Xavier foi uma precipitação inaceitável por tudo aquilo que envolve o médium e as pessoas que assumiram a difusão desta postulação. Em lugar de colocar o assunto para análise ou subsidiado por evidências e provas, jogou-se na sociedade a conclusão de que Chico era Kardec de volta, tendo-se por sustentação apenas a opinião dos postulantes.

O tema sempre foi controverso e meu livro demonstrou isso. Análises criteriosas apresentaram argumentos sustentados por uma lógica inegável, contrária. Os melhores biógrafos de Chico, que tocaram no assunto, foram honestos em apresentar os argumentos favoráveis e os contrários. O próprio Chico se colocou contra, considerando as diferenças de personalidade entre ele e Kardec, mas os postulantes se valeram de sua credibilidade pessoal para sustentar a tese, que para eles saiu da condição de tese para se tornar algo “irretorquível”.

A reação, na ocasião em que o tema foi recolocado nestas novas bases, foi quase avassaladora por parte da intelectualidade espírita, mas, apesar disso, não logrou encontrar eco naqueles que em lugar da postulação deveriam reconhecer que o assunto pedia mais estudo e menos emoção.

Logicamente, o grande público ficou refém da questão e tendente a aceitar a afirmação de que Chico era Kardec, porque aparentemente isto o tornaria ainda maior diante da grandiosidade de sua obra.

Até prova em contrário, porém, à luz dos fatos Chico foi Chico e Kardec, Kardec.

Sei que as longas respostas são cansativas, mas me permito aqui reproduzir uma resposta que dei à amiga Hilda Nami. Ei-la:

Caríssima Hilda. A questão não mais está submetida à razão, mas à emoção. Quando escrevi o livro “Chico, Você é Kardec?” tive a percepção de que estava laborando num terreno difícil exatamente pela predominância da emoção. E essa percepção não nasceu apenas por conta da imensa figura que fora o médium Chico Xavier, nem mesmo da inumerável quantidade de admiradores que amealhou em sua longa existência terrena. A verdade é que a mitificação do médium conduz a multidão de seus admiradores a colocá-lo no ponto mais alto do olimpo, na expectativa de que ele, lá, brilhe de modo perene. Convenhamos, a perspectiva de que ele seja Kardec o coloca em definitivo naquele lugar mais elevado.

Maturana, pesquisador chileno, desenvolveu uma tese interessante em que defende o fato de que o homem é emocional e não racional. A razão serve muito mais para explicar a emoção do que para qualificação do ser humano. Agimos e reagimos em função desse conteúdo emocional predominante e somente depois nos damos conta de refletir sobre o comportamento e as decisões que adotamos.

Em vista disso, estabelecem-se duas possibilidades, tomando-se o caso Chico-Kardec por referência: aqueles que aceitam a tese de uma única entidade espiritual para os dois atores sociais sempre encontram razões para reforço da tese, referendando a afirmação de que só se vê o que se deseja; por outro lado, aqueles que não encontram sustentação nessa tese mais e mais se veem fortalecidos nas razões que contrariam os argumentos favoráveis ao Chico-Kardec.

Há apenas uma maneira de lidar com a questão de modo objetivo: pelo emprego da racionalidade. Ocorre que o conteúdo emocional sempre desconfia da razão, de modo a colocar na defensiva aqueles que se postam no lado contrário dos negadores da personalidade única para Chico e Kardec. Ainda assim, haverá sempre a possibilidade de um encontro de interesses para solução da questão, mas esse encontro só pode acontecer tendo-se por parâmetro a racionalidade, ou seja, o enfrentamento da questão precisa ocorrer sob uma perspectiva científica, metodologicamente estruturada.

Os principais argumentos de sustentação da tese Chico-Kardec encontram-se reunidos no livro, ao lado dos argumentos contrários. Pode-se notar com clareza que os defensores da tese apoiam-se em elementos que não se sustentam racionalmente. Há uma predominância total do conteúdo emocional. É por isso que estes preferem o silêncio ou a manifestação isolada ao diálogo crítico.

Os argumentos pró Chico-Kardec são: coincidência de datas, importância

da obra de Chico Xavier, supostas confirmações via mediunidade, fatos originários de conversas íntimas e algumas afirmações do tipo “sei porque sei”. Os argumentos contrários estribam-se na falta de provas convincentes, nas diferenças de personalidade entre os dois atores e numa crítica à sustentação dos defensores que tem por base argumentos contraditórios.

A defesa emocional da tese coloca os seus defensores em uma posição arredia à postura racional, mas em matéria tão complexa não há como encontrar solução se não for pela racionalidade, marca do trabalho de Kardec. O ponto de partida de qualquer estudo aí terá que ser a dúvida: será Chico a reencarnação de Kardec? Veja bem, a adoção desta dúvida implica já em dizer que Chico só poderá ser considerado a reencarnação de Kardec se forem obtidas provas ou evidências insuspeitáveis, portanto, já se parte da ideia de que enquanto não houver provas (que é o que corre, de fato, atualmente) Chico não pode ser tomado por Kardec.

Os defensores da tese terão muita dificuldade em se colocar neste ponto, porque já tomam como verdade aquilo que possuem em matéria de informação, seja o que resulta das experiências pessoais, seja o que advém das informações mediúnicas, apesar da fraqueza dessas evidências e do amplo predomínio dos fatores emocionais aí encontrados. Mas todo e qualquer interessado no esclarecimento do assunto será levado a compreender que é preciso tomar a questão com tranquilidade e estudá-lo com isenção e objetividade, para então poder alcançar um dia a verdade.

Por tudo isso é que se precisa colocar a dúvida como ponto de partida, adotando-se a criteriosa postura do estudioso consciente de que nenhuma prova ainda foi colhida para que se pudesse dizer que Chico e Kardec foram a mesma personalidade.

É com enorme satisfação que vemos companheiros que se destacam no movimento espírita, levantando a sua voz contra ilações, no caso a tese de “Chico foi Kardec”, que, infelizmente, acabam afetando o Espiritismo por fornecer munição a seus detratores.

Paulo da Silva Neto Sobrinho

Fev/2023